



UMA JORNADA DE DESCOBERTAS: INVESTIGANDO AS CULTURAS INDÍGENAS E AFRICANAS

Taend Fernanda Siqueira¹

Fabiana Fausto Alves²

Dineuza Martini³

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é um espaço fundamental para a valorização da diversidade cultural. Ao trabalhar as culturas indígena e africana, promovemos o respeito, o reconhecimento das raízes e o fortalecimento da identidade das crianças.

Por meio da literatura infantil e da organização dos espaços de pesquisa, é possível aproximar as crianças de histórias, tradições e saberes, indígenas e africanos de forma lúdica, significativa e prazerosa.

A Educação Infantil, como espaço de atendimento a crianças na primeira infância, fase crucial do desenvolvimento e oportuna para a internalização de novos aprendizados, é o momento ideal para trabalhar os ensinamentos da educação para as relações étnico-raciais e indígenas.

DESENVOLVIMENTO

A Educação Infantil é um espaço de trocas e interações, valorizando a criança como produtora de cultura. Nesse espaço, toda ação pedagógica precisa ser permeada de intencionalidade, desde o acolhimento até a saída.

Conforme descrito nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, a criança é definida como:

¹ Segunda Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Educação Física pelo Centro Universitário Faveni Unifaveni. Magistério (Formação de Docentes) pelo Colégio Estadual Carlos Drummond de Andrade. Pós-graduação em Extensão em Gestão Escolar pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Pós-graduação em Neuropsicologia e Problemas de Aprendizagem pela Faculdade Dom Alberto.

² Licenciatura em Pedagogia - Instituto de ensino Superior Santo Antônio INESA. Pós-Graduação em Neurociências em Educação - Instituto de ensino Superior Santo Antônio INESA. Pós-Graduação em Psicomotricidade e Prática Psicomotora - Faculdade Dom Bosco.

³ Licenciatura em Pedagogia - Centro Universitário Leonardo da Vinci. Especialização em Pedagogia - Centro Universitário Leonardo da Vinci.



Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2009).

Nesse contexto, as interações e brincadeiras são eixos norteadores da prática pedagógica, como enfatiza a DCNEI em seu Artigo 9º (Brasil, 2009). Assim, as crianças constroem e se apropriam de novos conhecimentos ao interagir com adultos e com outras crianças, sendo protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem.

Seguindo esse viés, o desenvolvimento é construído mediante interações biológicas e sociais. Conforme a Matriz Curricular de Araquari (2020), o ser humano é ativo na apropriação da cultura, e seu desenvolvimento se constitui por meio de relações que acontecem em um contexto biológico e social.

Com base nesses documentos, compreende-se que o sujeito é resultado de tudo o que vivencia. Logo, as propostas relatadas tiveram a intencionalidade de proporcionar momentos em que as crianças se desenvolvessem histórica, biológica e socialmente, aprendendo sobre a influência das culturas africana e indígena na formação do povo brasileiro e da nossa cidade. Assim, possibilitou-se o conhecimento do território em que habitam, promovendo o respeito à diversidade e de uma educação antirracista.

Em conformidade com as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, as propostas foram desenvolvidas respeitando seus princípios e fundamentos. Por meio delas, as crianças exploraram de forma lúdica o estudo sobre a história e cultura afro-brasileira e indígena. Os temas trabalhados promoveram a valorização da identidade e da diversidade cultural brasileira, proporcionando a crianças e funcionários memórias significativas que poderão ser utilizadas no combate ao preconceito e à discriminação racial.

Pensando na formação social das crianças como futuras combatentes do preconceito e cidadãos antirracistas, fundamentamos nossa prática nos estudos de Wallon sobre a formação da personalidade.

O homem é um ser essencialmente social e o é não em virtude de contingências externas. Ele o é geneticamente. O outro é um parceiro permanente do eu na vida psíquica. A construção da identidade acontece num processo de progressiva individuação, possível a partir da percepção de si (Wallon, 1986, p.164-165).



Ainda sobre os aspectos do desenvolvimento social, Vygotsky enfatiza que o desenvolvimento cognitivo ocorre a partir da participação ativa em práticas sociais: “Cada função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro no nível social e, depois, no nível individual.” (Vygotsky, 1978, p. 57).

Assim, o aprendizado ocorre inicialmente no meio social para, posteriormente, ser internalizado pela criança. Logo, torna-se necessário trabalhar práticas antirracistas desde a Educação Infantil, investigando as influências culturais indígenas e africanas na formação do povo brasileiro. O objetivo é formar, desde a primeira infância, crianças, jovens e futuros adultos conscientes.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada constituiu em oficinas lúdicas, nas quais as crianças foram protagonistas de suas próprias descobertas. Por meio de rodas de conversa e pesquisas em contextos investigativos, elas demonstraram ser verdadeiras detetives, explorando tudo que seus olhos puderam alcançar.

Os materiais utilizados foram pensados com foco na sustentabilidade. Itens como revistas, jornais, tampinhas de garrafas PET e papelão foram usados para a confecção de brinquedos, revitalizando assim diferentes materiais e complementando a aprendizagem. O contato com elementos da natureza também foi fundamental, permitindo as crianças vivenciar o cheiro da floresta e transformando essa experiência em uma fonte de aprendizagem significativa.

Materiais como argila, folhas, galhos, ervas naturais, urucum, cúrcuma, folhas verdes e sementes foram investigados por suas cores, formas e texturas. As crianças também sentiram seus aromas e, com alguns desses elementos, produziram tintas naturais. Essas tintas foram utilizadas em pinturas, grafismos faciais e na criação de adereços indígenas. Para aprofundar a experiência, propusemos atividades inéditas, como a confecção de biojóias⁴, que foram feitas pelas próprias crianças de forma prazerosa.

⁴ Índios artesãos de Aracruz transformam sementes e cascas de árvores em peças únicas. YouTube, 2024. Disponível em: <https://youtu.be/L1cqBWf7xRQ>. Acesso em: 02 dez. 2025.



Biojóias

12



Fonte: das autoras.

De acordo com a abordagem Reggio Emilia, descrita por Loris Malaguzzi, o espaço é considerado o “terceiro educador”, pois possibilita descobertas e o levantamentos de hipóteses. Cada espaço foi, portanto, organizado com intencionalidade pedagógica, permitindo que o olhar atento e curioso das crianças se tornasse protagonista da aprendizagem.



Fonte: das autoras.

As crianças interagiram coletivamente na construção dos espaços, participando ativamente de todo o processo e viajando pelo mundo do faz de conta.

O espaço é, em suas características físicas, expressivas e simbólicas, recurso pedagógico e aspecto fundamental para a qualidade da organização do contexto educativo, sobretudo para aquelas instituições que acolhem o universo da brincadeira dos meninos e meninas como eixo central da prática pedagógica na Educação Infantil



e que assumem que a escola pode ser um espaço privilegiado para a aprendizagem (Focchi, 2019, p. 264).

Ao final de cada exploração de espaço, as crianças eram convidadas para rodas de conversa, nas quais expressavam suas hipóteses e conhecimentos.

A curiosidade foi aguçada ao abordarmos a temática do aniversário de Araquari. Durante uma história narrada pela professora, as crianças descobriram que há povos indígenas na cidade, o que nos levou a organizar um espaço investigativo com elementos dessa cultura. Foi durante essas pesquisas que elas aprenderam que o nome da cidade, em tupi-guarani, significa “refúgio dos pássaros”.



Fonte: das autoras.

As crianças vivenciaram o novo ao participar de uma oficina de argila, na qual modelaram esculturas de vasos e utensílios indígenas inspirados nas culturas indígena e africana, explorando seus grafismos. A experiência se estendeu ao corpo e ao movimento com o desenvolvimento de práticas corporais, como a peteca, de origem indígena, e a brincadeira “Terra e Mar”, de origem africana. Além disso, elas conheceram o grupo Masaka Kids, dançando e imergindo na cultura por meio da música.



Revista Práticas Pedagógicas Colaborativas: *Construindo Saberes e Compartilhando Experiências*

Araquari/SC – Publicação Colaborativa de Professores e Pesquisadores

Edição nº 2 – Ano 2025 – ISSN (em processo de registro)

14



Fonte: das autoras.

Em vivências investigativas sobre à cultura africana, as crianças tiveram contato com a literatura e com personalidades negras importantes para nossa referência histórica e cultural. Ao explorarem as histórias dessas personalidades, elas se sentiram pertencentes e reconheceram a própria identidade. Foi um processo de perceber que as diferenças nos enriquecem, que o respeito não tem cor e que, em nossa essência, somos todos iguais.



Fonte: das autoras.

O grafismo indígena e africano ocupou espaço vivo no território infantil, manifestando até mesmo durante a colheita na horta. Ao observarem as placas com os nomes das verduras, as crianças demonstraram interesse e curiosidade, iniciando diálogos sobre os grafismos ali presentes. Esse momento fortaleceu o entendimento sobre diversidade cultural e antirracismo, enquanto exploravam cores e elementos da natureza, reconhecendo a riqueza da herança cultural africana e indígena.



As propostas foram norteadas pela Matriz Curricular de Ensino de Araquari, garantindo os direitos de aprendizagem referenciados na BNCC e contemplando, assim, todos os campos de experiências.

RESULTADOS

As crianças não apenas ampliaram seus conhecimentos sobre as diversas culturas, mas também os compartilharam com suas famílias, despertando uma percepção coletiva para o antirracismo. Ao investigarem personalidades negras importantes para nossa história, elas passaram a se sentir pertencentes ao território. Esse sentimento se manifestou em palavras empoderadas sobre suas próprias características físicas, afirmando com orgulho suas identidades.



Fonte: das autoras.

Por meio de brincadeiras, as crianças aprenderam sobre as danças, cores, tradições, vestimentas, adereços, e sabores da África. Ampliando também seu vocabulário com palavras do tupi-guarani. Essa imersão lúdica permitiu que compreendessem a importância de ambos os povos para a formação da cultura brasileira.

Nas rodas de conversa, as crianças construíram sentidos sobre o grafismo, levantando hipóteses a respeito de cada traçado e seu possível significado.



Fonte: das autoras.

A experiência demonstrou que materiais simples, quando ressignificados, proporcionam aprendizagens significativas. Além de estimular a criatividade, essa abordagem reforçou a importância do brincar como eixo central da Educação Infantil, validando a potência das vivências lúdicas e investigativas.



Fonte: das autoras.



Revista Práticas Pedagógicas Colaborativas: Construindo Saberes e Compartilhando Experiências

Araquari/SC – Publicação Colaborativa de Professores e Pesquisadores

Edição nº 2 – Ano 2025 – ISSN (em processo de registro)

GRANDIOSA FESTA NEON - DIA DAS CRIANÇAS



Fonte: das autoras.

VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS



Fonte: das autoras.

SABORES DA TERRA - INVESTIGANDO ERVAS MEDICINAIS INDÍGENAS



Fonte: das autoras.



VERDADEIROS DETETIVES – À PROCURA POR NOVAS DESCOBERTAS



Fonte: das autoras.

CEI SANTO ANTÔNIO PRESENTE NO SEMINÁRIO NOVEMBRO NEGRO



Fonte: das autoras.

Estes foram relatos vividos por crianças potentes, que construíram laços de amizade e histórias bem vividas, dentro de um território que possibilitou aprendizagens significativas, que tiveram sentido para elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças de hoje serão a sociedade futura, com a esperança de que o racismo não exista mais. O aprendizado ocorreu de forma lúdica e significativa, aproximando as crianças das culturas afro-brasileira e indígena.

As propostas ressaltaram a formação da identidade e da consciência crítica, enriquecendo o vocabulário das crianças. Elas se apropriaram de diferentes manifestações culturais como dança, culinária, grafismo e língua indígena aprendendo sobre o respeito às diferenças e a valorização da pluralidade.



As vivências despertaram o sentimento de pertencimento e fortaleceram a autoestima, destacando a importância da educação antirracista como prática cotidiana.

O CEI Santo Antônio é um lugar onde a diversidade é celebrada e a igualdade é valorizada. Desenvolvemos práticas significativas que garantem às crianças o protagonismo de sua própria aprendizagem.

Levamos nossas crianças a uma jornada pelo mundo da África, onde conheceram diferentes culturas e tradições, apropriando-se de sua rica história, música e arte. Além disso, tiveram a oportunidade de aprender sobre a cultura indígena, compreendendo a riqueza da diversidade cultural e o respeito às diferenças.

Hoje, nossas crianças são verdadeiras cidadãs do mundo. Elas levam consigo informações ricas e significativas que as ajudam a compreender melhor o mundo ao seu redor, sendo capazes de refletir sobre diferenças e semelhanças entre culturas.

O CEI Santo Antônio é um lugar onde a aprendizagem é uma jornada emocionante e significativa. Estamos comprometidos em fornecer às crianças ferramentas e recursos necessários para que alcancem seu potencial e façam a diferença no mundo.



Fonte: das autoras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 19 nov. 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União, Brasília, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 9 nov. 2025.



BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 27 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/educacao_infantil/diretrizes_curriculares_nacionais_para_educacao_infantil.pdf. Acesso em: 27 nov. 2025.

CRUZ, Silvia Helena Vieira; CRUZ, Rosimeire Costa de Andrade. O ambiente na educação infantil e a construção da identidade da criança. **Revista em aberto**, Brasília (DF), v. 30, n. 100, p. 71-81, set./dez. 2017.

FOCCHI, P. S. **A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil – OBECI**. 2019. 346 p. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Formação, Currículo e Práticas Pedagógicas, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2019.

ARAQUARI. Secretaria Municipal de Educação. **Matriz Curricular**. Araquari, 2020.

WALLON, H. Os meios, os grupos e a psicogênese da criança. In: WEREBE, M. J.; NADELBRULFERT, J. **Henri Wallon**. São Paulo: Ática, 1986. p. 168-178.

VYGOTSKY, L. S. Mind in Society: **The Development of Higher Psychological Processes**. Cambridge: Harvard University Press, 1978.